

“A cultura define-nos enquanto seres humanos”

O Prémio Novela e Romance Urbano Tavares Rodrigues, promovido pela Federação Nacional dos Professores (Fenprof) e pela SECRES/Corretores de Seguros, foi atribuído a Ana Cristina Silva por «O Rei do Monte Brasil». Doutorada em Psicologia da Educação, a autora é investigadora e docente no Instituto Superior de Psicologia Aplicada e tem já dez livros publicados.

À PÁGINA, a autora refere a importância deste reconhecimento e revela um pouco do que vai ser o seu próximo trabalho. Sobre a situação difícil que a classe docente atravessa, considera que “o que está acontecer na Educação é quase criminoso, quer no que respeita à falta de respeito revelada por este Governo em relação à classe docente, quer em relação à destruição da Escola Pública”. Crítica, ainda, o “desinvestimento” que tem sido feito na Educação e na Cultura.

Que importância atribui ao Prémio Urbano Tavares Rodrigues?

O prestígio de um prémio está associado ao prestígio do autor que lhe dá nome e das instituições que o promovem e, desse ponto de vista, quer pelo autor em causa, quer pelas instituições promotoras, é um prémio muito relevante. Além do mais, foi o meu primeiro prémio literário – já tinha tido várias nomeações, mas não tinha ganho nenhum prémio – e é sempre muito agradável ver o nosso trabalho reconhecido. É também um meio de divulgar o livro premiado.

Que significado tem para si Urbano Tavares Rodrigues?

O Urbano foi um grande autor e um grande homem. Quando as duas coisas andam juntas, a saudade que fica é enorme.

Disse na cerimónia de entrega do prémio que “sem Cultura e Educação não há futuro”. Qual é o estado da Cultura em Portugal?

Péssimo. A Cultura define-nos enquanto seres humanos, permite-nos ir para além da nossa mortalidade e explorar os limites da identidade humana. É a Cultura que faz de nós uns animais especiais.

No entanto, nesta filosofia neoliberal dominante, onde tudo é contabilizado pelos custos e lucros, a Cultura não tem lugar. Tem sido escandaloso o desinvestimento que este Governo tem feito ao nível da Cultura – como, aliás, em tudo o resto.

De que trata «O Rei do Monte Brasil»?

«O Rei do Monte Brasil» é sobre Gungunhana e Mouzinho de Albuquerque. Mais do que uma biografia romanceada, é um livro sobre o poder e a decadência em que ambos caíram depois de perderem o poder. Eu gosto de escrever sobre questões intemporais, independentemente da época histórica e do próprio contexto cultural, e neste livro, o que me apaixonou foi abordar as questões do poder independentemente das culturas.

Como foi o processo de escrita?

A escrita deste livro exigiu pesquisa sobre o Gungunhana e sobre o Mouzinho. Li dois livros da maior especialista sobre Gungunhana, Maria da Conceição Vilhena, e algumas biografias de Mouzinho. Depois, foi escrever, deixar-me tomar pelas personagens, segui-las e, por fim, fazer um aturado trabalho de revisão.

Como descreve o seu percurso literário?

Tenho dez livros publicados. No geral, têm tido muita boa aceitação por parte de quem os lê. Têm-me chegado feedbacks muito positivos dos leitores. No entanto, o meu percurso tem sido relativamente discreto.

Tem algum novo trabalho em mãos?

Estou a terminar um livro sobre Rimbaud. É uma personagem fascinante, do ponto de vista da sua história e da sua

relação com a escrita; um homem com um feitio terrível, com uma relação conturbada com a mãe e com Verlaine, e um tremendo viajante.

Investigadora, professora no ISPA, escritora... Como concilia tudo isto?

Com muita disciplina e usando as férias para escrever. A escrita implica alguma capacidade de devaneio, que é quebrado com as rotinas do trabalho de ensino e de investigação. Não consigo acabar de ler um projeto de doutoramento e de seguida mergulhar imediatamente no romance em que estou a trabalhar. Além do mais, a escrita é um trabalho que precisa de tempo para apurar a linguagem.

A classe docente atravessa momentos difíceis. Como encara a situação?

Acho que o que está acontecer na Educação é quase criminoso, quer no que respeita à falta de respeito revelada por este Governo em relação à classe docente, quer em relação à destruição da Escola Pública. Este ministro percebe muito pouco de Educação e confunde rigor com exames. Aprender, como qualquer professor sabe, é muito mais complexo do que responder corretamente num exame. Todo o trabalho que foi feito na Educação desde o 25 de Abril – cujos últimos resultados do PISA são um indicador – está a ser posto em causa por este ministro. Por outro lado, as provas de avaliação dos professores são um verdadeiro escândalo.

Ensinar é uma tarefa complexa que envolve aspetos pedagógicos e relacionais que não têm nada a ver com a ridícula prova que é proposta. Além disso, os professores em causa já foram avaliados pelas universidades e pelas respetivas escolas.

Maria João Leite